

# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



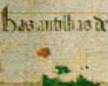
## Caminhos do Imperador

Ana Cláudia Bezerra de Albuquerque Borborema - [ninha\\_borborema@hotmail.com](mailto:ninha_borborema@hotmail.com); Daniele Lobo Bezerra de Albuquerque - [dannylobo@ibest.com.br](mailto:dannylobo@ibest.com.br); Lucilene Antunes Correia Marques de Sá - [lacms@ufpe.br](mailto:lacms@ufpe.br);

São Francisco, Iconografia, Cartografia Histórica

A partir de breves falas de um Brasil Colônia, as cidades históricas as margem do rio São Francisco fazem parte de um roteiro turístico que atrai centenas de visitantes para a região todos os meses. A área de estudo escolhida está compreendida no Baixo São Francisco que fica localizado entre os estados de Alagoas, Bahia, Pernambuco e Sergipe. O curso do Velho Chico está situado no trecho entre a cidade de Paulo Afonso, Estado da Bahia e sua foz, e tem uma extensão total de 265km no sentido oeste-leste. O Nilo Brasileiro é um dos poucos rios perenes situados na área de trabalho, sendo utilizado para diferentes finalidades sociais e econômicas como: abastecimento de água para populações urbanas, abastecimento de agricultura irrigada, aquíicultura, ecoturismo, navegação e exploração da hidroeletricidade através da Usina de Xingó, da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF. Duas décadas após seu descobrimento, em 1522, o primeiro donatário da capitania de Pernambuco, o português Duarte Coelho, funda a cidade de Penedo, em Alagoas. Cujo cenário, abriga o destino do Imperador Dom Pedro II nos anos de 1859 e 1860. O presente trabalho tem por objetivo reunir a iconografia deste tempo de império, e remontar a história caracterizando-a de forma a enfatizar os registros cartográficos como sendo um retrato das feições geográficas da época, e validar a importância da navegação como elemento de integração territorial na colônia. A trajetória histórica dos caminhos fluviais do Velho Chico, contudo, esteve profundamente ligada à dinâmica colonizadora baiana, tendo se notabilizado como rota para os produtores de alimentos destinados ao abastecimento dos engenhos açucareiros. Fora também palco de intensa atividade agropecuária às suas margens, fato que marcou intimamente a região denominada de “Rio-dos-Currais”, que desde então, passou a ser visitada regularmente pelas naus européias e, mais tarde, seria o principal pavimento para a colonização dos sertões goianos, o chamado Brasil-Central. Mesmo assim, a exploração estava limitada ao litoral, principalmente por causa das tribos indígenas que defendiam seus territórios no interior. Assim, ergueram-se os primeiros e pequenos arraiais, iniciando o domínio da região, onde havia o ouro e pedras preciosas. Em 1553, o rei D. João III, ordenou ao Governador Geral Tomé de Souza a exploração das margens interioranas do rio. O roteiro dessa viagem e uma carta do Padre Navarro são os primeiros documentos descritivos sobre o

# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA



São Francisco, tais acervos, estão disposto no Museu Imperial de Petrópolis, no Arquivo Histórico Nacional - Rio de Janeiro/RJ, e na Casa de Penedo - centro histórico que reúne grande parte de documentos cartográficos do período imperial - Penedo/AL. A partir daí, as águas do rio foram navegadas por dúzias de expedicionários que, aos poucos, consolidaram o domínio sobre a exploração do São Francisco. A ocupação original, entretanto, ocorreu principalmente através das sesmarias e suas subdivisões. Em 1859, hospedasse em Penedo, no Paço Imperial, D. Pedro II. A presença no território ora Alagoano, ora Sergipano, do imperador e sua comitiva real estendeu-se até o ano de 1860. Roteiro que tinha por fundamentação inicial, apresentar o Nordeste brasileiro, e conseqüentemente o rio e seus encantos à comitiva. Embora o diário de D Pedro II não contenha nenhuma base gráfica, pode ser considerado verdadeiro roteiro de viagem do rio da Unidade Nacional, e também respeitado como sendo o primeiro guia turístico da região. Advinda de memórias, contos e falas, a descrição da histórica cartografia do rio São Francisco pode ser reunida em função do valor dado à iconografia desta época. Assim, ao longo deste período em que reina o império, e especialmente durante o primeiro século de efetiva colonização, os esforços dirigidos ao projeto de apossamento do território às margens interioranas do rio, bem como de sua representação por meio dos instrumentos ocidentais de conhecimento, constituíram um dos mais importantes vetores de viabilização colonial, a representação espacial dos caminhos fluviais. Nesse processo, os registros cartográficos obtiveram um papel importante, fossem enquanto instrumentos a serviço da orientação geográfica dos agentes da colonização ou na difusão destas representações acerca do território. Por isso, tais registros configuram-se como fontes excepcionais para o conhecimento de não só da primeira fase, mas também, de todo o período de império, especialmente se combinados com fontes documentais de naturezas diversas que se revelam integralmente inscritas nesse plano mais amplo de apropriação do território.